

**O ENSINO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA E A QUESTÃO DA  
CONTEMPORANEIDADE NA HISTÓRIA.**

*Carlos Renato Dias do Lago\**

**RESUMO**

Este artigo aborda o ensino da História Contemporânea a partir de sua sistematização, conteúdos e componentes curriculares. A contemporaneidade das questões relacionadas à História Contemporânea, sua metodologia e recursos complementares também são aqui analisados.

**Palavras chave:** História Contemporânea, Contemporaneidade, Sistematização.

**ABSTRACT**

This article discusses the teaching of Contemporary History from its systematization, content and curriculum components. The contemporaneity of issues in Contemporary History, its methodology and additional resources are also discussed below.

**Keywords:** Contemporary History, Contemporaneity, Systematization.

**INTRODUÇÃO**

O ensino da História tem como particularidade a discussão da temática relacionada ao fator tempo. Constantemente, o profissional desta área se vê envolvido em questões que dizem respeito a sociedades envoltas em um véu de distanciamento, tanto de natureza espacial como temporal. Não é por acaso que uma das primeiras discussões necessárias no ensino da História se dá na compreensão do conceito de tempo, buscando-se uma distinção inicial entre o tempo cronológico e o tempo histórico.

O elemento central, que faz a diferença entre estes dois conceitos, é a presença humana. A participação das sociedades e das civilizações é o objeto central do estudo do historiador. Sendo assim, o tempo cronológico é colocado em segundo plano e o tempo histórico passa a ser priorizado, fugindo-se do tempo como fator medido apenas por calendários, assumindo a partir da participação humana a ideia da curta e da longa duração do tempo.

---

\* Mestre em História Social, professor do curso de História do UGB, coordenador do curso de pós-graduação de História Contemporânea no UGB.

Este artigo discutirá a questão do ensino da História Contemporânea e suas possibilidades metodológicas, descrevendo as abordagens relacionadas a esta temática e a contemporaneidade no estudo da História.

## O ENSINO DA HISTÓRIA CONTEMPRÂNEA

História Contemporânea, como disciplina de ensino, está inserida dentro da fórmula tradicional, ainda herança de uma visão eurocentrista, em que se divide o estudo da História a partir da periodização em Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Essa sistematização foi criada a partir da reforma do ensino secundário francês no final do século XIX, embora esta ideia de periodizar a História seja anterior.

Desde a Grécia Antiga já se buscava dividir a História em períodos distintos. Hesíodo buscou dividir e caracterizar cinco eras da humanidade: a do Ferro, dos Heróis, do Bronze, da Prata e do Ouro. Políbio e Aristóteles procuraram utilizar um referencial de circulação das constituições, em que sistemas políticos sucessivos se alternariam no poder e determinariam ciclos históricos distintos, mas que se repetiriam em sucessão de modelos políticos.

Com o advento do Cristianismo, volta-se a focar na linearidade da História e a história da humanidade seria relatada a partir de quatro civilizações: a babilônica, a persa, a grega e a romana, embora articulada a contexto religioso específico.

Ao final do século XVII, os ideais humanistas iluministas vão se refletir na articulação de uma nova sistematização: Antiga, Medieval e Moderna, tendo como ponto central a história da cultura da Europa ocidental.

Conforme foi dito anteriormente, no final do século XIX passa a ser incorporada a Era Contemporânea nesta sistematização, tendo como marco histórico temporal a Revolução Francesa, reforçando ainda mais a importância da Europa como elemento central<sup>1</sup>.

Contudo, a ideia de dividir o estudo da História em períodos distintos não é privilégio dos europeus. Na História do Brasil podemos perceber tal preocupação. O ensino da História do Brasil também é sistematizado na forma clássica de Colônia, Império e República, incluindo-se também, eventualmente, questões anteriores a chegada dos portugueses em 1500.

Essa periodização da História do Brasil surge no século XIX com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que lança inclusive concurso específico para escolha de que forma nossa história deveria ser estudada e ensinada.

---

<sup>1</sup> KARNAL, Leandro. (org.). **História na sala de aula**. Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.p. 163-165

Os componentes curriculares das escolas, e mesmo das universidades, acabam contemplando essas sistematizações tradicionais, utilizando duas estruturas também clássicas: História Geral e História do Brasil, embora devamos destacar com louvor que já fazem parte atualmente dos componentes do ensino, a História da África e temas relacionados à História Regional.

No ensino superior percebemos também alguns esforços no estudo da História da América e, muito eventualmente, História da Ásia e do Oriente Médio.

Na periodização também se refletem as formas clássicas de Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, além de Colônia, Império e República, relacionadas à História Geral e do Brasil, respectivamente. Vale destacar neste momento que esta periodização não se reflete quando são estudadas a História da África, da América ou do Rio de Janeiro, evidenciando que a partir de novos objetos, novos modelos são possíveis<sup>2</sup>.

Embora ocorra a sistematização nos componentes curriculares, a prática do ensino da História na atualidade não reflete a rigidez dos modelos. Em sala de aula, os professores buscam relacionar os contextos diversos, demonstrando que os eventos não estão isolados uns dos outros, associando e relacionando questões da História Mundial e do Brasil.

Tradicionalmente, os conteúdos tratados na História Contemporânea abordam a Revolução Francesa, Industrial, o Período Napoleônico, as Unificações Italiana e Alemã, Imperialismo, Nacionalismo, Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, Totalitarismos, Crise de 1929, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, Revolução Cubana, Revolução Chinesa, Oriente Médio, Globalização e Nova Ordem Mundial.

Os conteúdos são variáveis. Contudo, de forma geral, seguem o roteiro acima descrito. Podemos considerar como louvável a inclusão de tópicos que evidenciam que a História não deve ser ensinada apenas a partir da visão eurocentrista, sendo evidente que muito ainda há de ser feito nesse sentido.

Outra questão que queremos destacar neste momento são as críticas às sistematizações existentes, tanto no modelo quadripartite<sup>3</sup>, como em relação à História do Brasil. Essas críticas normalmente vêm acompanhadas de novas propostas de modelos, sendo possível compreender que o que se critica não é a ideia de se sistematizar o ensino, e sim o modelo que se utiliza<sup>4</sup>.

### **A CONTEMPORANEIDADE DA HISTÓRIA**

Como podemos perceber, quando falamos de História Contemporânea estamos nos reportando a um período que se inicia com a Revolução Francesa, em 1789, vindo até hoje.

---

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. (dir.) **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 11.

<sup>3</sup> A sistematização quadripartite consiste na divisão: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea.

<sup>4</sup> LOMBARDI, José Claudinei. **“Periodização na História da Educação Brasileira: aspecto polêmico e sempre provisório”** In Revista HISTEDBR On line, Campinas, n.32, 2008. p.200-203.

Evidentemente, existem distinções variadas nesse espaço temporal que, embora dure cerca de pouco mais de duzentos anos, apresenta transformações tecnológicas de grande vulto.

O vocábulo “contemporâneo” está relacionado a algo que pertence ao mesmo tempo, e “contemporaneidade” a uma qualidade do que é contemporâneo. Um primeiro olhar já seria suficiente para percebermos que existem diferenças bem significativas entre as guerras napoleônicas e a Segunda Guerra Mundial; entre as revoluções francesa e Rússia; entre a unificação alemã, de 1871, e a queda do muro de Berlim, em 1989.

Guerras são sempre guerras, mas as diferenças entre os exemplos citados são significativos. Em uma, a cavalaria e infantaria foram determinantes para o resultado, enquanto que na outra, os bombardeios e uso de blindados, ou seja, o contato humano nos combates. França e Rússia viveram momentos revolucionários, contudo o painel social e ideológico entre os momentos históricos é absolutamente distinto, em que a burguesia, anteriormente à classe revolucionária, passa a ser a inimiga da revolução.

Tanto em 1871 como em 1989 ocorreram processos de unificação na Alemanha, só que por motivos e com desdobramentos bem diversos.

Naturalmente, todo fato histórico é bastante específico, e os exemplos acima poderiam ser destacados em outros períodos clássicos da história da humanidade, como na antiguidade ou na Era Medieval. O problema se dá justamente com o emprego da palavra “contemporânea”, pois remete à ideia de algo acontecido em época com características similares<sup>5</sup>.

Alguns professores e pesquisadores preferem o uso de novos termos como História do Tempo Presente ou História Imediata, mas é possível se abrir uma nova discussão sobre quando e qual seria o ponto de corte; o que faria um período ou fato histórico pertencer ou não ao tempo presente.

Em sala de aula, percebemos muitas vezes que a própria estratégia pedagógica no ensino da História Contemporânea, que normalmente se faz por semestres, consegue maior atenção dos alunos a partir do estudo da Primeira Guerra Mundial e/ou Revolução Russa. Esse é justamente o ponto de corte entre uma história mais voltada para questões específicas dos séculos XVIII e XIX e de temas mais relacionados à contemporaneidade dos discentes.

Questões de identidade e de pertencimento são passíveis de serem discutidas com os alunos em temas específicos da História Contemporânea, sendo o retorno por parte deles bastante motivador para o professor<sup>6</sup>.

Aulas em que se trabalham tópicos como a Revolução Iraniana, a Segunda Guerra Mundial ou sobre os conflitos do Oriente Médio, em geral, são bastante proveitosas, tanto no interesse imediato dos alunos como nas avaliações de assimilação dos conteúdos.

---

<sup>5</sup> BARRACLOUGH, G. **Introdução à História Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.p.14-16.

<sup>6</sup> ANTONINO, Paulo Giovanni e SILVA João Batista Peixoto da. **O ensino de História Contemporânea e a questão de identidades**. X Encontro de Iniciação à Docência. UFPB.

Outra questão que podemos apontar no ensino da História Contemporânea é a da maior facilidade que o professor tem em contar com recursos audiovisuais ligados ao período histórico analisado. Principalmente em relação aos eventos ocorridos a partir do século XX, devido à existência da grande quantidade de fontes documentais. Um documentário produzido a partir de imagens reais da Primeira Guerra Mundial, por exemplo, capta a atenção do aluno de forma bastante significativa.

A própria quantidade de produções cinematográficas relacionadas a eventos históricos dá suporte ao professor na utilização de material auxiliar em suas aulas, o que despertará questões e reforçará a compreensão dos conteúdos.

Mesmo que filmes cometam exageros e enganos relacionados ao objeto estudado, ainda assim são de grande valor, pois o professor pode discutir com os alunos justamente o que poderia ou não ser relacionado aos fatos históricos, e o que seria ficção<sup>7</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo busca trazer uma reflexão sobre as possibilidades do ensino da História Contemporânea, sem redundância, na contemporaneidade, pois embora o estudo de qualquer período histórico deva ser valorizado, a História Contemporânea tem a particularidade de discutir questões ainda em aberto.

Fica como sugestão aos professores fazer junto aos seus alunos análises comparativas, sobre os interesses dos temas estudados nas aulas de História, a fim de permitir verificação de quais periodizações despertariam maior atenção no corpo discente.

Por fim, devemos lembrar as palavras de Benedetto Croce, e “reapropriadas”<sup>8</sup> por Lucien Febvre, de que toda história é possível de ser dita contemporânea, pois é escrita e ensinada a partir das percepções de seu tempo, assim como em relação ao seu estudo e interpretação.

---

<sup>7</sup> ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes: os filmes na história.** São Paulo: Paz e Terra, 2010. p..27-33.

<sup>8</sup> BARROS, José D’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História.** Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2005. p.26.